HISTÓRIAS EM REDES

Castelos de Helena

Este trabalho foi desenvolvido por Andreza Souza como produto final do Mestrado Interdisciplinar Profissional em Ciências Humanas sob orientação da Profª Drª Vitória Azevedo da Fonseca, que coordena o projeto HISTÓRIAS EM REDES cdo qual este trabalho também é parte integrante.
Este trabalho foi elaborado para ser percorrido pelas ruas da cidade, conforme o trajeto proposto e, em cada ponto, o caminhante teria acesso às informações. Esse sistema, no entanto, ainda não foi implantado.
Aqui está apresentado o trajeto como um todo para apresentação do produto.

Saiba mais:
www.historiasemredes.com

Aqui começa sua viagem pelo mundo da jovem Helena Morley, personagem do livro "Minha Vida de Menina". A autora, Alice Dayrel Caldeira Brant, escreveu, sob um pseudônimo, suas memórias de menina da infância vivida em Diamantina, que se passam nos anos de 1893 a 1895.
Neste passeio pelos espaços do mundo de Helena, você poderá conhecer suas peripécias, alegrias e desafios da vida de um outro tempo. Como era a vida desta menina na Diamantina de fins do século XIX? Quais eram seus desafios, suas alegrias? Sua jornada começa na Escola Normal. Venha percorrer este caminho conosco.

PONTO 1 - Querido Diário

Helena Morley estudou na Escola Normal quando esta funcionava no prédio construído entre 1733 e 1735 quando foi a sede da **Intendência dos Diamantes** até a segunda metade do século XIX. Uma menina que não se encaixava nos padrões exigidos, questionadora, atenta, e com o olhar aguçado e crítico, nos conta sobre seus desafios. Seu avô, um protestante renegado, enterrado do lado de fora de uma Igreja, seu pai, um garimpeiro que perdeu tudo, uma avó apoiadora que faleceu...



Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.



Foto: Autoria não identificada. Publicada em Portal da Crônica Brasileira - Antônio Torres

"Faz hoje três dias que eu entrei para a Escola Normal. Comprei meus livros e vou começar vida nova. O professor de Português aconselhou todas as meninas a irem se acostumando a escrever, todo dia, uma carta ou qualquer coisa que lhes acontecer." 18/02/1893
"Amanhã vão começar as aulas da Escola Normal. Tenho certeza que vou empacar no segundo ano como aconteceu no primeiro." 17/02/1985

PONTO 2: Entre dois mundos

Helena Morley, personagem de "Minha Vida de Menina", viveu em uma pequena casa na descida da Rua da Cavalhada que ligava o alto da cidade, espaço da elite, e o Bairro do Rio Grande na parte baixa da cidade. Helena descreve diversas situações difíceis enfrentadas por sua família, cujo pai vivia de garimpagem. Apesar disso, nos narra Helena, ela contou sempre com o apoio de sua avó, uma mulher de posses, que, no entanto, faleceu quando Helena ainda era uma menina, o que lhe causou grande impacto. Como enfrentou os desafios, principalmente os materiais? A Praça Barão de Guaicuí, ao lado, onde está situado o Mercado Velho, foi um caminho constante na vida da menina, de sua casa em direção à Escola Normal. Ao fundo da foto, vemos o Cruzeiro. Quer conhecer mais sobre a vida de Helena Morley? Vem com a gente!



Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.



Foto: Antigo Mercado dos Tropeiros hoje Mercado Velho. s/d. Disponível em: @passadicovirtual

"Quando saímos para o almoço, íamos quase sempre juntas até a descida da Cavalhada e mais uma vez eu lhe disse: "Maria, se eu não encontrasse meu prato já feito, no fogão, eu te convidaria para almoçar." 10/09/1895
"Por que minhas colegas se incomodam tanto com minha vida? Não sei por que, pois se nunca me deram nada, e não me dariam se precisasse. Que vontade eu tenho de lhes responder: 'Não se intrometam comigo; tratem de vocês!'" 12/09/1894

PONTO 3 - A Igreja do Amparo e o além

Diamantina é uma cidade com muitas igrejas, e, com muitas lendas também! Diversas histórias circulam pelas cabeças e bocas que alimentam e alimentaram corações e mentes.
Além das lendas, as crenças em punições e simpatias permeavam o imáginário do mundo no qual vivia Helena. Por exemplo, a crença de uma mãe que a água de sete chafarizes poderia curar o seu filho, o que segundo as anotações de Helena, não ocorria (rs). As promessas religiosas retratadas por Helena demostram o quanto sua famíliamaterna era religiosa e participativa nas novenas e festas. Leia e ouça um trecho de seu diário.



Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.

A Igreja do Amparo é um ponto importante deste roteiro por ser uma das igrejas mais antigas da cidade, permite visualizar a Serra dos Cristais e a igreja de Nossa Senhora Aparecida, localizada próxima ao Cruzeiro da Serra.

"Na sacristia da Igreja do Amparo as paredes estão cheias de milagres: cabeças, braços e pernas, e até meninos inteiros de cera, tão bem feitos e cheios de feridas que parecem de verdade." 21/05/1893
"...Tio Julião não é tão velho e é primo longe de mamãe. (...) Disse que um homem chamado Carneiro estava um dia de chuva numa venda na Rua do Amparo. Cada vez que relampeava o homem da venda dizia: "São Jerônimo! Santa Bárbara!". O tal Carneiro começou a caçoar com ele e o homem disse: "Não caçoe que Deus pode castigar". Ele respondeu: "Pois se Deus é capaz, que castigue." Não tinha acabado de falar quando caiu um raio em cima dele e matou-o."



Foto: Rua do Amparo por Assis Horta. Publicado em @passadicovirtual

PONTO 4 - Cavalhada Velha e a vida no meio

"Meu pai sempre repete na mesa, a causa de nós sermos os mais pobres da família... Meu pai conta que tio Geraldo (seu cunhado) o convidou para entrar de sociedade no serviço do Santo Antônio. Ele aceitou e ia entrar com vinte contos que tinha naquela ocasião... Mas mamãe, com medo de perder o dinheiro, começou a fazer novena a Sto. Antônio, porque a lavra tinha o nome dele... No dia em que acabou a novena... seu Malaquias, um mineiro conhecedor de todas as lavras... aconselhou mamãe:... não deixe Seu Felisberto entrar de sócio... aquilo ali já está tudo lavrado... Mamãe ficou radiante... pois entendeu ser esse um sinal de Sto. Antônio.. Meu pai desistiu da sociedade para seus cunhados Joãozinho e Justino, que não acreditavam em Sto. Antônio... Aí veio o sofrimento, quando o serviço foi aberto e os diamantes começaram a estrelar em cima do cascalho... Tio Geraldo que tinha a maior parte no serviço, fez aí a fortuna dele..." 24/12/1893



Helena vivia entre dois mundos, conhecia as dificuldades financeiras sendo de uma família de elite. Através de seus relatos e suas descrições é possível identificar os arredores de sua casa, da chácara da avó e da casa dos seus tios.
A Cavalhada Velha, atual Praça Dr. Prado foi um local de constante circulação da menina.



Foto: Chichico Alkimim, publicada em "Passadiço Virtual" apud: Dayse Lucide Silva Santos. Cidades de vidro: a fotografia de Chichico Alkmim e o registro da tradição e da mudança em Diamantina. 1900 a 1940. Tese de Doutorado.

PONTO 5 - Igreja do Rosário e a casa da avó

A Chácara da avó de Helena é um dos lugares por onde a menina passava grande parte dos seus dias, ampara pela senhora e por seu belo quintal espaçoso e cheio de árvores. "Como é bom vovó morar na Chácara! A casa é tão perto da Igreja do Rosário que o Senhor Bispo, vendo como ela é gorda e pesada, lhe deu licença de ouvir a missa da janela do quarto e quando é pra comungar o padre leva a comunhão para ela". Você consegue adivinhar onde fica a casa da avó de Helena?



Foto: Fotograma do filme DIAMANTINA (Brasil - 1958) Produtor(es): INCE - Instituto Nacional de Cinema Educativo Diretor(es): Geraldo Santos Pereira Distribuidor(es): Centro Técnico Audiovisual - CTAv



Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.

"Eu gosto muito de todas as festas de Diamantina; mas quando são da Igreja do Rosário, que é quase pegada à Chácara de vovó, eu gosto ainda mais. Até parece que a festa é nossa. E este ano foi mesmo. Foi sorteada para rainha do Rosário uma ex-escrava de vovó chamada Júlia! Ela vinha há muito tempo ajuntando dinheiro para comprar um rancho. Gastou tudo na festa e ainda ficou devendo. Agora é que eu vi como fica caro para os pobres dos negros serem reis por um dia. Júlia com o vestido e a coroa já gastou muito. Além disso teve de dar um jantar para a corte toda. (...)Eu acho graça é do entusiasmo dos pretos neste reinado tão curto. Nenhum rejeita o cargo, mesmo sabendo a despesa que dá!"

PONTO 6 - Os conflitos da Rua Direita

A Rua Direita é palco das relações familiares de Helena, de sua mãe com a avó, as tias e tios. A rua onde morava o seu tio Geraldo, preferido pela avó e responsável por cuidar das suas finanças. É também a rua para onde sua avó se muda, e mora até a morte, que ocorre no período retratado no diário. "Desde que vovó morreu, Dindinha convidou mamãe para ficarmos também na Rua Direita, pois a casa é grande demais só pra ela e Iaiá, e também estando todas juntas suportariam melhor a morte de vovó" (Helena Morley). A "Rua Direita e o Largo Santo Antônio, hoje aformoseados com ricos e elegantes edifícios, eram uma densa mata, onde os mineiros cortavam madeira para o lavor e construção de seus humildes tugúrios" (Joaquim Felício dos Santos)

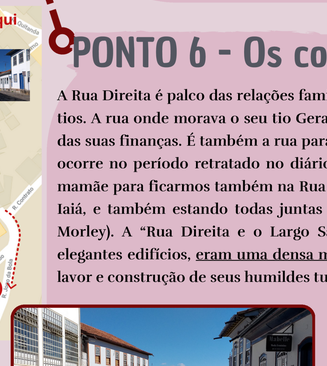


Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.





"Depois que vovó se mudou para a Rua Direita insiste que eu almoce lá todos os dias, por ser perto da Escola." 18/06/1895
"Glorinha continua ir almoçar na rua Direita. Eu gosto disso, mas não gosto de ver a diferença que vovó faz entre nós." 21/06/1895
"Subi o Burgalhau, entrei na Cavalhada Nova e enfiei pela rua Direita acima correndo e cega de raiva. Não enxergava nada. [...] Eu me desabafo com vovó. Sinto que só ela me compreende. Vovó então começou com as coisas dela [...] 'Não, vovó, isto foi maldade demais de tia Madge. Não quero mais que ela se interesse por mim não, vovó. Chega!' Só sinto é não poder brigar com tia Madge para ela me deixar em paz de uma vez." 17/09/1894
"Desde que tia Carlinha está no Jogo da Bola, eu tomei medo de ir lá. Com este meu gênio forte, eu tenho receio de um dia perder a paciência, dar muito no Arício e tia Clarinha brigar comigo." 15/07/1894

PONTO 7 - Jogo da Bola, um respiro

Saindo da rua Direita vamos para a rua Jogo da Bola, passando pela Casa da Chica da Silva e chegamos onde residiu o tio de Helena, Conrado e sua tia Agostinha, por quem demostrava muita admiração. A casa grande e espaçosa dos tios permitiam receber diversos hóspedes que vinham das proximidades e rendiam anotações no diário de Helena. Alguns desses hóspedes eram membros da família de Helena, ou amigos próximos. Aqui conhecemos sua tia Clarinha que residia em Montes Claros e o seu filho, o qual a própria Helena sente vontade de "dar uma lição". É também no Jogo da Bola que Helena nos conta sobre os estrangeiros que compram lavras e do fazendeiro vindo do Serro e suas filhas.



Foto: Vitória A. Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.

Palácio do Bispo com Igreja do Carmo ao fundo [Augusto Riedel, ca.1868].

"Para que ficar em cima dos livros fazendo uma coisa tão aborrecida, quando posso estar no Jogo da Bola me divertindo na companhia dos primos? 13/11/1895
"As festas no Jogo da Bola são muito agradáveis porque a casa é grande, baixa e tem um gramado na frente para a gente correr" 11/05/1893
"Uma das vezes que almocei lá ele [tio Conrado] disse: 'Seu pai deve ter mais de cinquenta anos. Quando eu era menino ia comprar pomada do Doutor Inglês, ali no alto da Rua Direita, e seu pai era o caixeiro [...] Eu contei isso para o meu pai e ele disse: "É história do Conrado. Quando eu ajudava na farmácia de meu pai, ele já era capangueiro, viajava pelas lavras comprando diamante para o cunhado dele[...] Contei isso a tio Conrado e ele disse que é história de meu pai, quando ele era capangueiro meu pai já era homem-feito e minerava no São Gonçalo." 23/03/1893

PONTO 8- Ao longe, Rua Romana

A Rua Romana é passagem, neste trajeto, para o Largo Dom João. Ela fica distante do centro histórico. Foi citada em Joaquim Felício dos Santos quando narra que Isidoro (conheça a sua história no roteiro "Entre Becos e Bocas") "veio disfarçado ao Tijuco. Dirigiu-se a certa casa da Rua da Romana). O diálogo que se deu dizia respeito a Isidoro querer comprar uma criança que seria sua filha.
A passagem por esta rua não era comum na narrativa de Helena, mas aparece poucas vezes.

16 de Dezembro
"Hoje tia Madge passou em casa, depois do jantar, para me levar com ela à casa das Amarantes, na Rua da Romana."
16/12/1894, p.206
"Ontem Leontino veio cedo nos convidar para a festa de São João na Chácara da Romana. A casa tem uma horta enorme com muitas frutas e o jardim da frente é cercado de muro. Não sei por que tio Conrado larga uma chácara tão boa para morar na casa na cidade, com a parede da igreja na frente." 25/06/1893, p.62

PONTO 9 - Seminário

A Igreja do Seminário para Helena era um marcador do tempo, pois é através do seu relógio que ela e sua mãe percebem que erram a hora ao confiar em um galo. O relógio de pulso era utilizado apenas pelos homens, sendo assim, na ausência do pai, a mãe contava com os relógios das igrejas para saber as horas. Era as igrejas que marcavam o tempo para a Carolina na maioria do tempo.

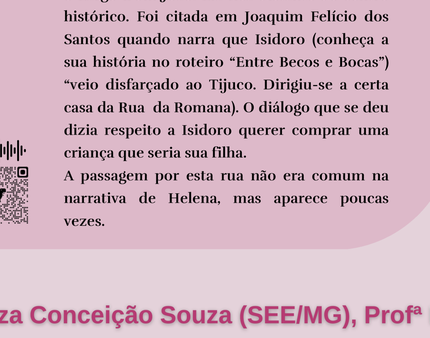
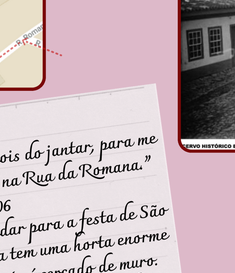


Foto publicada no perfil "Passadiço virtual" https://www.instagram.com/p/CTPfuWgsaiY/

"Será que quando eu me casar vou gostar tanto de meu marido como mamãe de meu pai? Deus permita. [...] Segunda-feira tio Joãozinho levou meu pai para verem um serviço no Biribiri e voltarem no fim da semana. Terça feira [...] admirei a energia de mamãe. Ela foi logo dizendo 'Preparem-se para seguirmos amanhã de madrugada. Aconteceu alguma coisa com Alexandre'. [...] Deitamos cedo, com a roupa ao lado para nos levantar de madrugada, vestir e sairmos. [...] Nós não tínhamos ainda tirado um bom sono quando mamãe nos acordou: 'Levantem que o galo já cantou duas vezes' [...] Quando chegamos à rua achei o céu muito estrelado e a noite muito escura para quatro horas. Fomos andando e nada do dia clarear. Quando já estávamos muito longe ouvimos o relógio da igreja do Seminário. Aí caímos todos no riso mas mamãe, a única responsável, não achou graça. Ela dizia 'O pior não é a hora. Até é bom viajar com a noite. Mas é que estou achando o caminho diferente. A estrada do Biribiri é bem mais larga.' [...] Quando o dia clareou, que abismo! Tínhamos errado o caminho." 26/11/1893

PONTO 10 - Igreja da Luz

A rua da Luz, que representa o alto da cidade, é onde fica localizado a igreja da Luz, de onde saiu a procissão de cinzas, a qual Helena conta sobre a escassez de santos para compor a procissão, e todo o trabalho para que a procissão acontecesse. É no alto da Luz que mora Seu Zeca, o homem "sério" a quem o pai de Helena entrega o dever de cuidar da sua venda, uma opção além da mineração para que a família tivesse um pouco mais de renda, o que demostra as dificuldades financeiras referidas ao longo da narrativa.



"Já falei com mamãe para tirar Luisinha, pois assim não adianta ela ficar. Estiveram nos contando a vida que levam no Colégio e tive pena delas, coitadinhas. De madrugada, com este frio, têm de se levantar, ir para a missa e passar uma hora ajoelhadas no chão duro. Quando voltam da missa tomar uma água de café com cuscuz e vão para o estudo. A comida dizem elas que é insuportável. Banho frio e Irmãs implicantes, impossíveis de aguentar. Que bom eu não ter entrado!" 17/02/1895

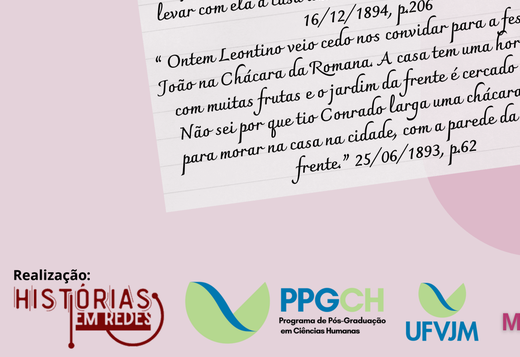
"Este ano saiu à rua a procissão de Cinzas que há muitos anos não havia. Não sei como eles não faziam mais uma procissão tão importante, com tantos santos. São tantos que nem vovó, nem minhas tias conheciam todos. Dizem que não saía há muito tempo por falta de santos, porque muitos já estavam quebrados. Seu Broa esteve dizendo a tio João-zinho que eles tiveram de ajuntar corpo de um com cabeça de outro na Igreja da Luz e pedir nas outras igrejas para poderem pôr a procissão na rua." 13/03/1893

A igreja da Luz foi construída por Dona Tereza de Jesus Perpétua Corte Real, uma portuguesa que teria feito uma promessa para se salvar de um terremoto que aconteceu em Lisboa no ano de 1755. A construção foi finalizada em 1819, tornando se um espaço de abrigo para órfãos. No ano de 1826 Dona Tereza de Jesus faleceu e foi sepultada na entrada da capela da Luz.

Foto: Chichico Alkimim, publicada em "Passadiço Virtual" apud: Dayse Lucide Silva Santos. Cidades de vidro: a fotografia de Chichico Alkmim e o registro da tradição e da mudança em Diamantina. 1900 a 1940. Tese de Doutorado.

PONTO 11 - Rua da Glória, a volta

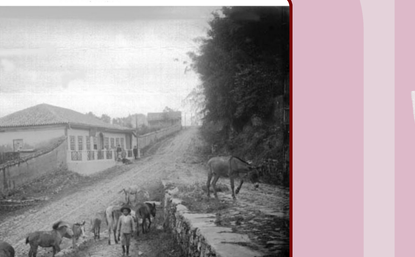
Na rua da Glória se localiza o Colégio das Freiras, onde a mãe de Helena, em uma tentativa de ver a menina e a irmã tão religiosa , "boazinha" e dedicada aos estudos como a sua prima, coloca- às no colégio das irmãs. Aqui percebemos como a personalidade de Helena a tornava tão singular. Temendo que perca a sua personalidade geniosa, Helena desiste de ir para o Colégio. O que para ela por alguns momentos era um defeito, para as pessoas que a conheciam era uma característica que a tornava tão interessante e diferente das outras meninas.



PONTO 12 - Igreja Casa da Caridade, o início



Foto: Vitória A Fonseca, 2020. Fonte: Acervo pessoal.



"Meu avô não foi enterrado na igreja porque era protestante; foi na porta da Casa de Caridade (Santa Casa) e até hoje se fala nisso em Diamantina. Quando ele estava muito mal, os padres, as irmãs de caridade e até o Senhor Bispo, que gostavam muito dele, pelejaram para ele se batizar e confessar, para poder ser enterrado no sagrado. Ele respondia: " Toda terra que Deus fez é sagrada ". O vigário não quis deixar dobrar os sinos, mas os homens principais de Diamantina foram às igrejas e fizeram dobrar os sinos da cidade o dia inteiro. Ele era muito caridoso e estimado. Quando o doente não podia, ele mandava os remédios, a galinha e ainda dinheiro. A cidade inteira acompanhou o enterro. Quando ele morreu eu era muito pequena e até hoje se fala em Diamantina na caridade do Doutor Inglês, como todos o chamavam. Um homem assim, pode estar no inferno?..















Realização:

Ms. Andreza Conceição Souza (SEE/MG), Profª Drª Vitória Azevedo da Fonseca (UFVJM)